



III CONGRESSO BRASILEIRO DE
ORTOPEDIA VETERINÁRIA
BY ORTO

ANAIS



III CONGRESSO BRASILEIRO DE ORTOPEDIA VETERINÁRIA

BY ORTO
VET EXPERT



DESENVOLVIDO POR

ORTO
VET EXPERT



ABORDAGEM CONSERVADORA PARA LUXAÇÃO CAUDOLATERAL DO COTOVELO EM COELHO NETHERLAND DWARF

Cassanego, G.R.¹; Rahal, S.C.; Bonavina, J.T.; Pigatto, A.M.; Nunes, J.S.L.; Mamprim, M.J.

1. Programa de Pós-Graduação em Animais Selvagens, FMVZ, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Botucatu, SP, Brasil. (guilherme.rech@unesp.br)

A luxação do cotovelo em coelhos geralmente resulta de trauma, ocorrendo com maior frequência no sentido caudal, devido à estabilidade lateral da articulação e limitada amplitude de rotação. O tratamento pode ser conservador, quando instituído precocemente após a lesão, ou envolver redução e estabilização cirúrgicas. Relata-se o caso de um coelho macho, da raça Netherland Dwarf, com três meses de idade e 1,16 kg de massa corporal. Segundo o tutor, o animal arrastava o membro torácico esquerdo há quatro dias. Ao exame físico, observou-se dor à manipulação do cotovelo esquerdo, incapacidade de flexão e extensão e assimetria entre os membros torácicos. O exame radiográfico visibilizou luxação caudolateral do cotovelo, sem fratura associada. Optou-se pela redução fechada manual sob anestesia, realizada com sucesso e confirmada por radiografia pós-redução. A imobilização com bandagem, comumente empregada em pequenos animais, foi evitada devido às particularidades comportamentais da espécie. A terapia complementar consistiu na administração de cetoprofeno e dipirona. Após 24 horas, o animal já apresentava apoio funcional do membro, ausência de dor e simetria dos membros torácicos. O acompanhamento clínico quinzenal não evidenciou recidiva nem alterações locomotoras ao longo de quatro meses. A indicação do tratamento conservador deve considerar o tempo decorrido desde a lesão, ausência de fraturas associadas e estabilidade obtida após redução. Este caso demonstra que, mesmo após o período considerado ideal para intervenção, a utilização exclusiva da redução fechada da luxação do cotovelo pode ser eficaz, especialmente em animais jovens, nos quais há maior potencial de recuperação e adaptação tecidual.

Palavras-chave: articulação; lagomorfos; redução; trauma.

ACCELEROMETRIA PARA AVALIAÇÃO PÓS-OPERATÓRIA EM CÃES SUBMETIDOS À OSTEOTOMIA DE NIVELAMENTO DO PLATÔ TIBIAL

Carrera, A.L.C.¹; Previtali, D.A.C.; Alcântara, B.M.; Alievi, M.M.; Dias, L.G.G.G.; Minto, B.W.

1. Departamento de clínica e cirurgia veterinária, Faculdade de ciências agrárias e veterinárias (FCAV), UNESP. (alefe.carrera@unesp.br)

Diversos métodos são usados para avaliar a marcha e atividade física de animais, porém muitos apresentam alto custo. A acelerometria oferece análise objetiva e acessível, mas ainda não há estudos sobre sua aplicação no acompanhamento pós-cirúrgico de cães submetidos à osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO), sendo, portanto, o objetivo deste estudo. Prospectivamente e sob aprovação do CEUA FCAV-UNESP (9138/22), incluíram-se nove cães com ILCC submetidos à TPLO, avaliados por acelerômetro (*ActiGraph® wGT3X-BT*) fixado na região cervical ventral nos períodos pré- e pós-operatórios (24 e 48h, 15, 30, 90 e 120 dias). Realizou-se análise vetorial tridimensional com intervalos de 10s durante 24h em cada momento de análise, classificando a atividade de acordo com a contagem de vetor resultante em relação ao tempo, em minutos (contagens por minuto - cpm), dentro de cada nível, sendo sedentária (cpm \leq 1351), moderada (1352–5695 cpm) e vigorosa (cpm \geq 5696). O resultado expressou o tempo médio (min) dentro de cada nível de atividade. A análise estatística foi realizada por *One Way Repeated Measures*, seguida de Tukey (95%). As médias de tempo de atividade sedentária e moderada não diferiram entre o pré-operatório e os demais momentos. Já a atividade vigorosa reduziu de $11,3 \pm 4,5$ min para $4,2 \pm 4,2$ min após 24h, aumentando significativamente ($p = 0,03$) aos 30 e 60 dias ($14,9 \pm 9,6$ e $14,6 \pm 11,0$ min, respectivamente) e mantendo níveis semelhantes ao pré-operatório até 120 dias. Portanto, evidencia-se a aplicabilidade da acelerometria como avaliação pós-operatória de cães submetidos à TPLO, bem como espera-se encontrar redução da atividade vigorosa no pós-cirúrgico imediato, com tendência a aumento após 30 dias do procedimento.

Palavras-chave: acelerômetro; cirurgia veterinária; insuficiência do ligamento cruzado cranial; monitor físico.

ACESSO DORSAL ENTRE OS MÚSCULOS GLÚTEOS MÉDIO E SUPERFICIAL E TENOTOMIA DO PIRIFORME PARA AS OSTEOSSÍNTESES ACETABULARES EM CÃES

Corato, G.F¹.; Franco, G.G.

1. Doutoranda na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Jaboticabal-SP (gabrielafuzac@hotmail.com).

A abordagem cirúrgica no manejo de fraturas acetabulares é uma alternativa comumente considerada e baseia-se na osteossíntese por alinhamento e fixação dos fragmentos ósseos por redução anatômica. A escolha do acesso cirúrgico deve ser: assegurar a correção da fratura, garantir exposição adequada, minimizando as lesões nos tecidos e permitir a recuperação pós-operatória precoce e bem-sucedida. O acesso por osteotomia do trocânter maior do fêmur tende a ser o preferido, mas está relacionado a diversas complicações descritas na literatura. Sugere-se um novo acesso cirúrgico à região acetabular por separação dos músculos glúteo médio e superficial, além de tenotomia do músculo piriforme, eliminando a necessidade de osteotomias e minimizando a dissecação de tecidos moles. A técnica foi reproduzida em 3 cadáveres de cães e aplicada em 3 cães com fratura acetabular, todos sem raça definida e pesando entre 10 a 19kg. A incisão deve ser iniciada a 1,5cm dorsal ao trocânter maior do fêmur e estendida cranial e caudalmente. Após dissecação cuidadosa do tecido subcutâneo, identifica-se os músculos bíceps femoral, glúteo médio e superficial, que são separados em seu septo e rebatidos em sentido caudal e cranial, respectivamente. Adicionalmente, após divulsão profunda, identifica-se o músculo piriforme que permite a visualização da borda dorsal do acetábulo e identificação direta do nervo isquiático após sua tenotomia. A execução do acesso nos cadáveres foi considerada simples e reprodutível nos pacientes da aplicação clínica. Não foram observadas complicações ou lesões nos pacientes e nos cadáveres deste estudo. Acredita-se que associado ao treinamento adequado e experiência do cirurgião, bem como à manipulação mínima e cuidadosa dos tecidos moles durante a osteossíntese de acetábulo em cães e gatos, é possível buscar acelerar a recuperação cirúrgica dos pacientes.

Palavras-chave: acetábulo; abordagem; pelve; tecidos moles; trauma.

APLICAÇÃO DE ÁCIDO HIALURÔNICO INTRA-ARTICULAR COMO TRATAMENTO DE OSTEOARTRITE PÓS MENISCECTOMIA - RELATO DE CASO

Theobald, P. L.¹, Viecelli, R.; Pimentel, F. M.; Ferreira, M. P.

1. Discente do PPGCV da UFRGS (liane.plentz@gmail.com)

A osteoartrite manifesta-se frequentemente como sequela de lesões articulares, envolvendo uma complexa interação de fatores biológicos e mecânicos. Uma das opções terapêuticas é a viscosuplementação, que consiste na infiltração intra-articular de ácido hialurônico (AH) ou seus derivados, visando a redução da dor e a restauração da mobilidade. O presente trabalho relata o uso de AH intra-articular em um cão, macho, de porte grande e aproximadamente 6 anos de idade, com histórico de TPLO e remoção de implante devido a processo infeccioso. O paciente apresentava claudicação e, após avaliações radiográfica e ultrassonográfica, foram diagnosticadas doença articular degenerativa moderada e ruptura de menisco medial. O animal foi submetido à meniscectomia parcial para remoção da porção lesionada, com coleta de líquido sinovial para cultura bacteriológica. Decorridas duas semanas do pós-operatório, realizou-se a aplicação intra-articular de ácido hialurônico (Osteonil®) na articulação do joelho. Após sete dias da aplicação, observou-se melhora significativa na deambulação e redução da dor. A terapia foi escolhida por sua capacidade de reduzir o atrito condral, promover a lubrificação sinovial e auxiliar na absorção de impactos. O acompanhamento determinará a periodicidade das novas aplicações conforme a demanda clínica do paciente. A aplicação de AH foi escolhida por reduzir atrito entre as cartilagens, aliviando o desconforto da osteoartrite e por melhorar a função articular. O produto faz a reposição do líquido articular, restaurando suas propriedades de lubrificação e absorção de impacto. É uma ferramenta minimamente invasiva e eficaz no manejo da osteoartrite, proporcionando retorno funcional imediato e melhor qualidade de vida ao paciente.

Palavras-chave: articulação fêmoro-tíbio-patelar; ruptura de menisco; viscosuplementação.

APLICAÇÃO DE FIXAÇÃO EXTERNA ANTIRROTACIONAL DINÂMICA COMO ADJUVANTE NO TRATAMENTO DA LUXAÇÃO MEDIAL DE PATELA ASSOCIADA À RUPTURA DO LIGAMENTO CRUZADO CRANIAL EM CÃO
Sasaki, P.J.¹; Lins, J.P.C.; Pessoa, M.C.A.F.; Almeida, C.D.; Curuci, E.H.P.; Notaro, C.C.

1. Discente da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (pedrojsasaki@gmail.com).

A luxação de patela caracteriza-se pelo mau alinhamento anatômico da patela em relação ao sulco troclear. Sua fisiopatologia é multifatorial, envolvendo alterações do mecanismo extensor do joelho. Relata-se um caso de uma cadela, Cavalier King, 1 ano e 7.1 kg, diagnosticada com luxação medial de patela grau 3 associada à ruptura de ligamento cruzado cranial (RLCCr) em membro pélvico esquerdo (MPE). No estudo tomográfico, constatou-se varo femoral de 14,17° e torção externa de tibia de 24,89°. Optou-se pela técnica de osteotomia distal de fêmur (DFO) para correção do desvio varus e osteotomia em cunha de fechamento cranial (CCWO) associada à osteotomia proximal de tibia (PTO) para o tratamento da RLCCr e alinhamento do desvio tibial grave, respectivamente. Ao final do procedimento cirúrgico, foi observada rotação interna de tibia, sendo estabilizada com a técnica de fixação externa antirrotacional dinâmica através de pinos com elásticos bilaterais, paralelos ao plano frontal do fêmur e da tibia, em direção lateromedial, sob o côndilo femoral e metáfise tibial proximal. Em seguida, os pinos foram interligados externamente com elásticos na face medial e lateral do membro. Na avaliação de 30 dias, retirou-se a fixação externa, com deambulação satisfatória do MPE. Aos 60 dias, o paciente apresentava recuperação funcional progressiva, consolidação óssea adequada e ausência de instabilidades. No presente caso, a técnica manteve o alinhamento do membro e proporcionou suporte mecânico adicional durante o processo inicial de consolidação e fortalecimento das estruturas periarticulares. Assim, pode ser considerada uma alternativa viável e de baixo custo no manejo de instabilidades rotacionais em casos de luxações patelares complexas.

Palavras-chave: pino com elástico; luxação de patela; rotação tibial.

ARTRODESE DE JOELHO COMO ESTRATÉGIA DE PRESERVAÇÃO FUNCIONAL EM CÃO COM LESÃO ARTICULAR– RELATO DE CASO

Scheffer, E.K.¹; Carneiro, R.K.; Luchin, M.P.

1. Discente da Faculdade de Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina (scheffer.eduarda21@gmail.com).

A artrodese é um procedimento cirúrgico de salvamento indicado em afecções articulares irreversíveis, como dor crônica, instabilidade severa e osteoartrose avançada, promovendo anquilose articular e eliminação do movimento doloroso com recuperação da função de suporte. Objetivou-se relatar o caso de uma cadela sem raça definida, 12 anos e 3 kg, com histórico de múltiplas cirurgias para correção de luxação patelar e evolução para incapacidade funcional do membro pélvico direito. Ao exame físico observou-se flexão persistente do membro, dor à manipulação, limitação acentuada da amplitude de movimento e atrofia muscular, enquanto exames de imagem evidenciaram alterações compatíveis com doença articular degenerativa avançada e caráter irreversível das lesões. Diante do quadro, optou-se pela artrodese de joelho visando estabilização definitiva e preservação funcional. O procedimento foi realizado por abordagem cirúrgica aberta para redução direta e fixação interna, com preparo das superfícies articulares, seguido de estabilização com implantes posicionados em configuração compressiva do fêmur à tíbia, associados à placa bloqueada cranial e fios de Kirschner cruzados para reforço do controle rotacional e manutenção do alinhamento. No pós-operatório inicial observou-se evolução clínica favorável, caracterizada por redução da dor e início de apoio do membro. Conclui-se que a artrodese constitui alternativa eficaz em casos avançados e refratários, proporcionando estabilidade articular permanente, recuperação funcional e melhora clínica significativa.

Palavras-chave: artrodese; osteoartrose; cirurgia de salvamento.

ARTRODESE DO JOELHO COMO ALTERNATIVA TERAPÊUTICA PARA OSTEOARTROSE AVANÇADA PÓS-TRAUMÁTICA – RELATO DE CASO

Barreto, C.V.S.¹; Batista, W.L.; Ferreira, M.P.

1. Discente da FAVET - UFRGS (camilevit.00@gmail.com)

A osteoartrose é uma doença articular degenerativa caracterizada por degeneração da cartilagem, hipertrofia óssea marginal e alterações sinoviais, ocorrendo principalmente em cães e podendo ter origem traumática. O tratamento cirúrgico é indicado quando não há resposta satisfatória aos métodos conservadores. A artrodese consiste na fusão óssea da articulação, sendo recomendada quando não há possibilidade de recuperação articular, mas se espera retorno funcional do membro. Relata-se o caso de uma cadela, SRD, 8 anos, 5 kg, com algia e ausência de apoio do membro posterior direito e atrofia muscular acentuada, com histórico de trauma por mordedura na região do joelho direito há um ano. Radiografias confirmaram osteoartrose grave. Realizou-se acesso cirúrgico ao joelho com osteotomia da tuberosidade tibial, excisão do coxim gorduroso, dos ligamentos cruzados cranial e caudal e meniscectomia total, seguida de ostectomia femoral e tibial para remoção da cartilagem articular, visando ângulo articular de 140°. A estabilização foi obtida com dois pinos de *Steinmann* cruzados, placa bloqueada na superfície cranial femoral e tibial e placa de reconstrução na superfície medial tibial para maior rigidez. Os implantes foram removidos após três meses, quando se observou consolidação óssea satisfatória. Para o sucesso da técnica são essenciais a ausência de infecção, remoção completa das cartilagens, preparo adequado das superfícies articulares, escolha correta do ângulo articular e utilização de métodos de fixação rígidos. Conclui-se que a artrodese do joelho foi uma opção eficaz no tratamento da osteoartrose avançada.

Palavras-chave: doença articular degenerativa; artropatia, artrodese; joelho.

ARTRODESE PANTARSAL TEMPORÁRIA EM *ORYCTOLAGUS CUNICULUS* COM FRATURA TIBIAL COMINUTIVA: RELATO DE CASO

Silva, L.A.¹; Sonoda, C.M.C.; Corteze, A.A.; Colorado, S.J.; Barbosa, A.; Jaramillo, N.

1. Discente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (leticia10.silva@alunos.ifsuldeminas.edu.br).

A inserção de coelhos (*Oryctolagus cuniculus*) como animais de companhia impulsiona a demanda por ortopedia especializada em pets não convencionais. Apesar dos avanços, relatos de técnicas como a artrodese temporária são escassos. O diagnóstico preciso, baseado na correlação entre exame clínico e imagem, é fundamental para classificar a gravidade da fratura e direcionar a conduta terapêutica. Este trabalho relata a aplicação da artrodese pantarsal temporária em um coelho com fratura tibial atendido na Colômbia. Um coelho foi atendido com histórico de trauma compressivo (pisadura). O exame radiográfico diagnosticou fratura cominutiva na porção distal da tíbia. Instituiu-se o tratamento cirúrgico via artrodese temporária, utilizando a associação de pinos de Kirschner transfixantes e fixadores externos para redução e estabilização dos fragmentos. A técnica visou suporte mecânico rígido, considerando a fragilidade cortical característica da espécie, além da estabilização conjunta da articulação tibiotársica e da tíbia. Na avaliação pós-operatória de sete dias, o paciente apresentou evolução satisfatória e apoio completo do membro. A taxa metabólica elevada dos lagomorfos favoreceu a rápida formação de calo ósseo e estabilização precoce, acelerando a consolidação em comparação a outros mamíferos. A fixação externa manteve o alinhamento anatômico eficaz durante o período crítico de cicatrização. A crescente casuística de animais exóticos torna imperativa a especialização em técnicas ortopédicas adaptadas. A artrodese temporária demonstrou ser uma alternativa eficaz para fraturas complexas em coelhos, garantindo o retorno funcional do membro e minimizando complicações de imobilização prolongada.

Palavras-chave: Fixação externa; cirurgia, veterinária; consolidação óssea

ASSOCIAÇÃO DE TÉCNICAS PARA CORREÇÃO DE LUXAÇÃO DE PATELA MEDIAL E RUPTURA DE LIGAMENTO CRUZADO CRANIAL – RELATO DE CASO

Oliveira, J.A.U.¹; Kist, G.; Morillo, C.B.; Moreira, P.R.R.; Minto, B.W.; Dias, L.G.G.G.

1. Doutorando da área de Ortopedia e Neurologia da Faculdade Unesp FCAV, Jaboticabal (joao.ulhoa@unesp.br).

A ruptura do ligamento cruzado cranial (LCC) associada à luxação medial de patela (LMP) é uma condição frequentemente observada em cães, principalmente em animais de pequeno porte. Nos casos de ruptura do LCC, a alteração pode ser corrigida por meio da osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO). Foi desenvolvida uma modificação da técnica convencional denominada TPLO-M, que permite a correção concomitante das duas alterações. O presente relato tem como objetivo descrever um cão de 4 kg, com ruptura do LCC e LMP, em que foi realizada a associação da TPLO-M com trocleoplastia e desmotomia. No exame ortopédico foram observados testes de gaveta e compressão tibial positivos, além de deslocamento medial da patela. Em radiografia e tomografia computadorizada para avaliação articular e planejamento cirúrgico, ultrassonografia, evidenciando degeneração ligamentar, ruptura de LCC associada à luxação medial de patela, arrasamento do sulco troclear e torção externa da tibia. Tratamento cirúrgico combinando TPLO-M, corrigindo o ângulo do platô tibial, e promovendo o deslocamento medial do fragmento proximal da tibia, sendo estabilizada com placa bloqueada previamente moldada, associado à trocleoplastia em cunha, com o objetivo de aprofundar e alargar o sulco troclear para melhor acomodação e estabilidade da patela e desmotomia medial. Em 20 dias de pós operatório observado apoio de membro de paciente, concluindo que a associação de técnicas corretivas e planejamento adequado são essenciais para preservação de função mecânica de membros e a solução de alterações articulares recorrentes em cães de pequeno porte.

Palavras-chave: liberação de retináculo medial; artrose; insuficiência do ligamento cruzado cranial.

CCWO BASEADA NO AMA E DFO NO TRATAMENTO DE DOENÇA DO LIGAMENTO CRUZADO CRANIAL E LUXAÇÃO DE PATELA GRAU III

Tavares, P.L.¹; Campos, Y.G.R.; Souza, I.V.B.; Marinho, C.C.Z.; Corteze, A.A.; Marinho, P.V.T.

1. Discente no IFSULDEMINAS (patricialimatavares9@gmail.com).

A Luxação Medial de Patela é uma das principais causas de claudicação nos cães de raças pequenas. Origina-se de deformidades anatômicas que provocam falhas no mecanismo extensor do joelho e, conseqüentemente, eleva o risco de ruptura do ligamento cruzado cranial (LCCr). Um cão da raça Lhasa Apso, macho, 10 anos, 7 Kg, foi atendido no serviço de Cirurgia do Hospital Veterinário do IFSULDEMINAS - *Campus* Muzambinho, com queixa de claudicação em membro pélvico esquerdo após queda. Ao exame físico, observou-se luxação de patela grau III e testes de compressão tibial e gaveta positivos, constatando a ruptura do LCCr. Em Tomografia Computadorizada, evidenciou-se deformidade óssea (varo femoral). O ângulo mecânico-anatômico (AMA) e o ângulo do platô tibial (TPA) mensurados foram de 7° e 37°, respectivamente. Optou-se pela realização da técnica de Osteotomia em Cunha Fechada Cranial Modificada baseada no AMA (mCCWO), a fim de reduzir o TPA em 65%, e Osteotomia Femoral Distal em Cunha Aberta (DFO). A DFO foi realizada com uma distração valga de 2 mm da cunha. Para a realização da mCCWO, as linhas de osteotomia foram marcadas com uma cunha de 25° pré-moldada e, após a remoção do fragmento, prosseguiu-se com o fechamento do espaço. As técnicas utilizadas em conjunto demonstraram-se eficazes no tratamento da DLCCr e Luxação de Patela Grau III, havendo adequada recuperação do paciente.

Palavras-chave: AMA; compressão tibial; cunha; osteotomia.

COMPARAÇÃO ENTRE 4 MÉTODOS DE MENSURAÇÃO DA TORÇÃO FEMORAL EM CÃES COM LUXAÇÃO DE PATELA MEDIAL

Tavares, A.B.L.¹; Minto, B.W.; Alcântara, B.M.; Faustino, R.C.S.; Curuci, E.H.P.; Dias, L.G.G.G.

1. Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária da Universidade Estadual Paulista. (angelica.tavares@unesp.br).

A luxação de patela é considerada uma síndrome a qual envolve múltiplos mecanismos fisiopatológicos. Correlaciona-se diretamente com as deformidades angulares. Dentre essas, a torção femoral se destaca e mesmo com muitos métodos para sua mensuração, não existe consenso do método mais acurado. Neste sentido, objetivou-se avaliar comparativamente quatro métodos de mensuração da torção femoral por meio da tomografia computadorizada em cães com luxação de patela. Foram comparados quatro métodos de avaliação, sendo um pelo plano transversal com duas variações de proximal para distal (G1) e distal para proximal (G2), um método subjetivo do plano sagital a partir do eixo do colo com a cabeça femoral (G3) e um método trigonométrico a partir do plano sagital e frontal (G4), sob aprovação do CEUA-FCAV UNESP (protocolo nº 2026/2024). Foram incluídos 91 cães com luxação de patela medial e nos resultados houve correlação significativa entre os avaliadores. Para os avaliadores A1 e A2, não há diferença entre os ângulos através do (G2) e (G4), mas ambos se diferenciam do (G1). Pelo A3, não há diferença entre os ângulos do (G1) e (G2), mas se diferenciam do (G4). Conclui-se que os métodos G2 e G4 são mais fidedignos, demonstrando maior reprodutibilidade. Os métodos G1 e G3, embora reprodutíveis, apresentaram menor reprodutibilidade.

Palavras-chave: ângulo de anteversão; deformidades ósseas; tomografia computadorizada.

CONSEQUÊNCIAS DA OBESIDADE EM AFECÇÕES ARTICULARES DE CÃES: ANÁLISE DA MELHORA CLÍNICA APÓS PROGRAMA DE PERDA DE PESO – TRABALHO EXPERIMENTAL

Silva, J.B.¹; Schefer, S.B.; Pimentel, F.M.; Viecelli, R.; Mantovani, P.F.; Trevizan, L.

1. Discente da FAVET - UFRGS (jubrsi24@gmail.com).

A obesidade é uma doença crônica altamente prevalente em cães e constitui um importante fator de risco para o desenvolvimento e agravamento de afecções osteoarticulares. Este estudo avaliou a repercussão da obesidade na locomoção de cães com doenças articulares e investigou os efeitos clínicos da perda de peso após intervenção nutricional. Foram recrutados 14 cães com sobrepeso ou obesidade (ECC 6-9, escala de 9 pontos), dos quais 12 compuseram a amostra final, todos com sinais clínicos de osteoartrite. A casuística incluiu luxação medial de patela (66,7%), diagnóstico sugestivo de displasia coxofemoral (41,7%), ruptura do ligamento cruzado cranial (16,7%) e desvios angulares (25%). Os animais foram acompanhados mensalmente, por aproximadamente 8 meses, por meio de anamnese, pesagem, medidas de circunferência, escore de condição corporal (ECC) e exame ortopédico, incluindo testes articulares específicos e avaliação subjetiva da claudicação (graus 1 a 5). A perda média de peso corporal (PC) ao final do estudo foi de 15%. O ECC médio reduziu de 7,5 ($\pm 0,8$) para 6 ($\pm 0,7$), com 3 cães atingindo o escore ideal. Observou-se, através de escalas, melhora da locomoção em 91,6% dos casos, redução da sensibilidade dolorosa em 58% e diminuição do grau de claudicação em 33,3%. Todos os cães tornaram-se mais ativos e demonstraram melhora geral da mobilidade, com maior disposição para atividades físicas. Os resultados evidenciam que a intervenção nutricional desempenha papel essencial como medida terapêutica no manejo das afecções osteoarticulares, promovendo alívio dos sinais clínicos e contribuindo para o bem-estar dos pacientes.

Palavras-chave: doenças articulares; ortopedia; sobrepeso.

CORREÇÃO CIRÚRGICA DE *GENU RECURVATUM* EM FELINO

Braghetto, G.M.¹; Jarcovis, J.S.; Araújo, A.P.E.; Gonçalves, F.O.; Caldeira, F.M.C.

1. Residente nível III em Ortopedia do Hospital Veterinário (HOVET), na Faculdade de Veterinária e Zootecnia, da Universidade de São Paulo (FMVZ/USP) (giovanna_mbraghetto@outlook.com).

O *genu recurvatum* (GR), deformidade congênita, caracterizada pela hiperextensão da articulação fêmoro-tíbio-patelar, resulta em projeção caudal excessiva do joelho e rigidez do membro pélvico. Como tratamento, são descritas medidas conservativas (bandagem, repouso e fisioterapia) ou cirúrgicas (artrodese ou ostectomias). Dentre estas, a artrodese temporária com o uso do fixador esquelético externo linear (FEEL) do tipo IA constitui técnica interessante pois corrige, de forma anatômica e gradual, a flexão do joelho acometido. Neste contexto, pretende-se relatar um caso de um felino, fêmea, com dois meses de idade e que apresentava GR, bem como *procurvatum* na articulação tibiotársica. O paciente foi tratado cirurgicamente no HOVET/FMVZ/USP, onde aplicaram-se, no fêmur, na tíbia e no tarso, dois FEEL do tipo IA, interconectados inicialmente com barras. Durante o acompanhamento, as articulações envolvidas foram mobilizadas para evitar a rigidez articular e depois as barras foram substituídas por elásticos ortodônticos. Os FEEL foram mantidos por 24 e 30 dias, respectivamente, entre as articulações fêmoro-tíbio-patelar e tíbio-társica, tendo sido alcançada flexão das articulações nos padrões anatômicos. O diagnóstico precoce foi crucial, e a cirurgia se mostrou eficaz, durante o desenvolvimento da paciente.

Palavras-chave: felino; deformidade congênita; artrodese temporária.

CORREÇÃO DE DEFORMIDADE BIAPICAL SEVERA EM CÃO COM GUIA DE CORTE DUPLO IMPRESSO EM 3D: RELATO DE CASO

Santos, B.B.G.¹; Medeiros, M.J.B.L.; Santos, W.; Torres, M.F.P.; Franco, G.G.

1. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Campus Curitiba (barbarabgarcias@gmail.com).

Caracterizadas pela alta complexidade, as deformidades biapicais em cães apresentam dois centros de rotação da angulação (CORA) em um único osso. O planejamento cirúrgico associado ao uso de guias impressos em 3D tem contribuído para maior precisão na correção dessas deformidades. O objetivo do presente trabalho foi descrever a osteotomia corretiva de deformidade biapical em cão condrodistrófico utilizando um guia de corte duplo. Uma fêmea canina, SRD, 7 anos, apresentava histórico de claudicação bilateral em membros torácicos, mais significativa no membro direito. A Tomografia Computadorizada (TC) foi utilizada para o planejamento cirúrgico virtual e revelou desvio parcialmente compensado *varus* proximal e *valgus* distal, *procurvatum* com torção externa do rádio e desvio translacional. A partir da TC, os guias 3D foram desenvolvidos em *software* CAD e impressos em resina biocompatível por tecnologia de fotopolimerização em cuba. Primeiramente, o guia de corte duplo foi fixado ao rádio direito por fios de Kirschner para a realização de osteotomias em cunha fechada em CORAs distintos: radial proximal e distal. Na ulna, realizaram-se uma osteotomia bi-oblíqua proximal e outra de abertura da cunha na diáfise distal. O guia de redução permitiu a correção da torção e rotação dos fragmentos ósseos. A osteossíntese radial foi realizada por técnica de *double plating*, com duas placas bloqueadas cranial e medialmente. Aos 90 dias de pós-operatório, observou-se melhora significativa no apoio do membro operado e completa consolidação óssea do rádio. Conclui-se que o uso de guias 3D para a correção de deformidades antebraquiais biapicais viabilizou a execução precisa das osteotomias, conferindo estabilidade e maior precisão técnica, além de facilitar a correção angular transoperatória e contribuir para a redução do tempo cirúrgico.

Palavras-chave: deformidade biapical; ortopedia; guias cirúrgicos.

DEFORMIDADE ANTEBRAQUIAL BILATERAL EM CÃO: COMPARAÇÃO ENTRE AS TÉCNICAS DE OSTEOTOMIA À MÃO LIVRE E GUIADA

Santos, B.B.G.¹; Medeiros, M.J.B.L.; Santos, W.; Torres, M.F.P.; Franco, G.G.

1. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Campus Curitiba (barbarabgarcias@gmail.com).

Os desvios angulares antebraquiais são condições ortopédicas desafiadoras pela complexidade geométrica e restauração da anatomia óssea. Nesse contexto, o uso de guias paciente-específicos impressos em 3D tem crescido por promover maior precisão e segurança na execução cirúrgica. O objetivo do presente relato foi comparar a osteotomia corretiva à mão livre com a técnica guiada em um cão com deformidade rádio-ulnar bilateral. Um macho canino, Dachshund, de 2 anos, apresentava histórico de claudicação crônica em membros torácicos direito (MTD) e esquerdo (MTE). Ao exame ortopédico, constatou-se incongruência de cotovelo por ulna curta caracterizada por desvios *valgus* distal, *procurvatum* e torção externa do rádio, resultando em *buckling* carpal bilateral. A partir da Tomografia Computadorizada (TC), realizou-se o planejamento cirúrgico virtual. Os guias 3D foram desenvolvidos em *software* CAD, impressos em resina biocompatível e autoclavados. No MTD, foi realizada a técnica a mão livre e, no MTE, foram utilizados os guias 3D. Em ambas as cirurgias, realizou-se osteotomia em cunha fechada no CORA radial distal e osteotomia linear de abertura da cunha na diáfise distal ulnar, com estabilização do rádio por placa bloqueada. Após consolidação óssea total do MTD, realizou-se a técnica guiada no MTE. O guia de corte orientou a osteotomia radial, ao passo que o guia de redução auxiliou no reposicionamento dos fragmentos ósseos para alinhamento completo do carpo e cotovelo, resultando em menor tempo cirúrgico e menor trauma tecidual. Assim, concluiu-se que o uso de guias cirúrgicos para correção das deformidades antebraquiais permitiu maior precisão e segurança da técnica, reduziu o tempo anestésico e, portanto, reduziu as chances de complicações cirúrgicas.

Palavras-chave: impressão 3D; *buckling* carpal; osteotomias.

DOUBLE PLATE NO TRATAMENTO DE FRATURA COMINUTIVA DE TIBIOTARSO EM CISNE-NEGRO (*Cygnus atratus*): RELATO DE CASO

Silva, D. D.; Sonoda¹, C. M. C.; Colorado, S. J.; Corteze, A. A.; guzmán, I. V.; Ruiz, C. A. M.

1. Discente no Curso de Medicina Veterinária – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas – Muzambinho/MG – Brasil.
(doane.dantas@alunos.ifsuldeminas.edu.br)

As particularidades anatômicas e fisiológicas das aves devem ser consideradas durante o manejo de afecções ortopédicas, exigindo técnicas de estabilização que permitam adequada recuperação funcional. Um cisne-negro (*Cygnus atratus*), três anos, foi encaminhado à clínica veterinária Spikes em Sabaneta – CO apresentando dificuldade de sustentação em membro pélvico direito. Ao exame físico, observou-se comprometimento funcional do membro pélvico direito com possível fratura aberta. No exame radiográfico constatou-se fratura cominutiva no terço médio da diáfise do tibiotalarso direito. Optou-se pela realização de osteossíntese utilizando placa em função de ponte. Considerando que esse tipo de estabilização transfere ao implante a maior parte das forças mecânicas atuantes no foco de fratura, foi empregada uma segunda placa em ponte com o objetivo de compartilhar as cargas e reduzir o risco de sobrecarga estrutural e eventual falha do implante primário. A escolha da técnica e dos implantes fundamentou-se na configuração da fratura (baixo strain) condição na qual é desejável a manutenção de certo grau de micromobilidade interfragmentária para favorecer o processo de consolidação óssea. Dessa forma, priorizou-se um método de estabilização que proporcionasse estabilidade relativa, adequada a esse tipo de lesão. Adicionalmente, consideraram-se aspectos relacionados ao comportamento e ao estilo de vida do paciente, particularmente a necessidade de preservar suas atividades naturais em ambiente aquático. Nesse contexto, selecionou-se uma técnica que possibilitasse adequada estabilização óssea com menor demanda de manipulação no período pós-operatório, contribuindo para a redução do estresse e para a manutenção do bem-estar do animal. Decorridos 45 dias após a cirurgia, observou-se formação de calo ósseo e melhora da sustentação do membro. A utilização de dupla placa em função ponte permitiu a melhor distribuição das forças mecânicas no foco da fratura, reduzindo o risco de falha do implante e proporcionando estabilidade adequada, de modo a favorecer o processo de consolidação óssea.

Palavras-chave: ortopedia; ave; silvestre.

ESTUDO PRELIMINAR DO POTENCIAL OSTEORREGENERATIVO DE BIOCERÂMICA DE SILICOFOSFATO DE CÁLCIO E SÓDIO EM DEFEITO ÓSSEO EM COELHOS (*Oryctolagus cuniculus*)

Galetti, B.M.¹; Minto, B.W.; Dias, L.G.G.G.; Nascimento, K.K.G.; Santos, T.F.A.; Rincón-López, J.A.; Hermann-Muñoz, J. A.; Alvarado-Orozco, J.M.

1. Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Jaboticabal, São Paulo, Brasil. (beatriz.maia@unesp.br)

Apesar dos avanços nas técnicas de tratamento de fraturas, complicações como união retardada e não união ainda são desafiadoras. Biomateriais como as biocerâmicas da família dos silicofosfatos de sódio e cálcio têm sido investigadas devido à sua biocompatibilidade e potencial osteocondutor. O presente estudo avalia seu potencial osteorregenerativo em modelo experimental de falha óssea não crítica em tibia de coelho, partindo da hipótese de que o enxerto favorece e acelera a formação óssea em comparação ao defeito não enxertado. Foram utilizados 24 coelhos adultos, sendo criada falha óssea circular de 5mm na região medial proximal da tibia. A tibia esquerda recebeu o biomaterial, enquanto a direita foi mantida sem preenchimento. O acompanhamento clínico e radiográfico foi realizado no pós-operatório e aos 15, 30, 60, 90 e 120 dias. Até o momento, encontram-se disponíveis as avaliações radiográficas e as imagens macroscópicas das tíbias. A análise radiográfica preliminar demonstra progressão do reparo ósseo em ambos os grupos, com indícios de maior radiopacidade e organização trabecular mais precoce nas tíbias enxertadas, especialmente a partir de 30 dias. Macroscopicamente, observa-se preenchimento do defeito e integração tecidual na área enxertada, enquanto o grupo controle apresenta reparação compatível com o processo fisiológico esperado. Entretanto, por se tratarem de dados parciais e descritivos, ainda não é possível estabelecer inferências estatísticas. As análises histomorfométricas em andamento permitirão quantificar a neoformação óssea e avaliar objetivamente a biocompatibilidade e o desempenho osteorregenerativo do material.

Palavras-chave: silicofosfato de cálcio; enxertos ósseos; propriedades osteogênicas in vivo; biomateriais.

EXCISÃO DA CABEÇA E COLO FEMORAL EM ORYCTOLAGUS CUNICULUS PARA TRATAMENTO DE LUXAÇÃO COXOFEMORAL CRANIODORSAL: RELATO DE CASO

Silva, L.A.¹; Sonoda, C.M.C.; Corteze, A.A.; Colorado, S.J.; Barbosa, A.; Jaramillo, N.

1. Discente da Faculdade de Veterinária da UFRGS (lara.lanius@gmail.com)

A disjunção sacroilíaca (DSI) e a luxação da articulação coxofemoral (LCF) são afecções comuns em cães após trauma, com início súbito dos sinais clínicos. Diversas técnicas cirúrgicas são descritas com o objetivo de restabelecer a anatomia e/ou funcionalidade das articulações afetadas. Relata-se o caso de uma cadela, SRD, 22 kg, 7 anos, com incapacidade de locomoção e dor intensa na região pélvica após acidente automobilístico. A radiografia evidenciou luxação dorsocranial da articulação coxofemoral direita, disjunção sacroilíaca bilateral, disjunção da sínfise pélvica e fraturas completas no ramo cranial púbico esquerdo e no ramo do ísquio direito. Optou-se pela excisão artroplástica da cabeça e pescoço femorais direitos como técnica de salvamento para manutenção da funcionalidade do membro pélvico direito. Além disso, para redução da DSI bilateral, foram utilizados parafusos de 3,5 mm introduzidos pelo orifício deslizante no corpo do ílio e rosqueados no corpo sacral, promovendo efeito compressivo (*lag*), associados a parafusos adicionais com função anti-rotacional, em ambos os lados. Após o procedimento, foram realizadas sessões semanais de fisioterapia durante um mês, até o retorno da deambulação normal e ausência de dor. Conclui-se que as técnicas cirúrgicas empregadas foram eficazes em proporcionar adequado retorno à deambulação.

Palavras-chave: artroplastia; fratura pélvica; parafuso compressivo.

FIXADOR ESQUELÉTICO EXTERNO ASSOCIADO A PINO INTRAMEDULAR EM ULNA COMO TRATAMENTO DE FRATURA DE RÁDIO E ULNA – RELATO DE CASO

Moreira, P.R.R.¹; Kist, G.; Cassanego, G.R.; Moya, L.F.A.; Oliveira, J.A.U.; Rahal, S. C.

1. Mestrando da área de Ortopedia e Neurologia da Faculdade Unesp FCAV, Jaboticabal (patricky.moreira@unesp.br).

A ocorrência de fraturas de rádio e ulna é comum em pequenos animais e para uma redução adequada, a escolha do sistema de implantes deve ser realizada com base no escore de avaliação de fraturas, analisados fatores mecânicos, biológicos e clínicos. Objetivou-se relatar dois casos de fratura diafisária de rádio e ulna, dos quais foi optado por um método alternativo, com associação de fixador esquelético externo (FEE) tipo II e pino intramedular na ulna, visando promover estabilização e alinhamento dos fragmentos ósseos. Dois cães machos, sem raça definida, um de 4 anos de idade e 9 Kg, outro de 10 anos e 15 Kg, foi atendido após trauma por mordedura, apresentando fratura fechada no membro torácico direito. Ao exame radiográfico, a fratura transversa, completa, em terço médio de rádio e ulna direita. Correção foi realizada com FEE tipo II, realizado de forma fechada e angulados em relação ao eixo longitudinal do osso. Por tratar-se de uma fratura transversa com distância mínima entre os fragmentos, as micromovimentações no foco de fratura poderiam dificultar a formação de calo ósseo, optou-se por associar a aplicação de um pino intramedular Steinmann de 1,5 mm na ulna, inserido de forma normógrada. Teve como objetivo alinhar e estabilizar a fratura simples da ulna, além de fornecer suporte adicional à fixação do rádio, uma vez que o uso de pino intramedular nesse osso é limitado devido ao seu canal medular reduzido, que frequentemente resulta em lesão da superfície articular. No retorno de 30 dias, ambos pacientes já apresentavam apoio intermitente do membro e formação de calo ósseo, com 75 dias, decidiu-se pela retirada do FEE, e retirada posterior do pino intramedular em ulna para continuidade da estabilização aos 85 dias, em que observou-se consolidação óssea adequada, e o animal já não apresentava alterações na deambulação.

Palavras-chave: fratura transversa; reconstrução óssea; estabilização interfragmentária

FRATURA EXPOSTA DE ARTICULAÇÃO TIBIO-TÁRSICA EM GANSO (*ANSER ANSER*) TRATADA COM CONVERSÃO DA LINHA DE FRATURA E FIXAÇÃO EXTERNA – RELATO DE CASO

Cassanego, G.R.¹; Rahal, S.C.; Godoi, C.S.; Mesquita, L.R.; Pigatto, A.M.; Bertaci, B.

1. Programa de Pós-Graduação em Animais Selvagens, FMVZ, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Botucatu, SP, Brasil (guilherme.rech@unesp.br)

Fraturas expostas podem evoluir para osteomielite e não união, exigindo métodos de tratamento eficazes que respeitem as particularidades da espécie. Relata-se o caso de um ganso (*Anser anser*), fêmea, quatro meses de idade, resgatada com fratura exposta no membro pélvico esquerdo. O tratamento inicial incluiu limpeza com solução fisiológica e aplicação de curativo local com açúcar cristal, duas vezes ao dia. Instituiu-se antibioticoterapia com enrofloxacina (10 mg/kg, SID, por 14 dias), anti-inflamatório meloxicam (0,2 mg/kg, SID, por 4 dias) e analgesia com cloridrato de tramadol (10 mg/kg, TID, por 5 dias). Radiografias evidenciaram fratura exposta oblíqua curta, no terço distal da região tibio-társica esquerda. A intervenção cirúrgica foi realizada 96 horas após o trauma. A fratura foi convertida de oblíqua curta exposta para transversa, e a estabilização ocorreu por meio da inserção percutânea de quatro fios de Kirschner transfixantes, dois no fragmento proximal e dois no distal, angulados entre si, de planos medial a lateral e conectados por duas barras de resina acrílica. Devido à ausência de pele viável para sutura no foco da fratura, optou-se por curativos e cicatrização por segunda intenção com açúcar cristal. A cicatrização da ferida cutânea ocorreu em três semanas. Após quatro meses, observou-se consolidação óssea completa e não havia sinais de infecção, sendo realizada a remoção do fixador. Quinze dias após a retirada do fixador, o animal apresentou locomoção sem claudicação. O caso demonstra que a decisão cirúrgica, de conversão da linha de fratura associada à fixação externa, foi determinante para assegurar ambiente biomecânico adequado à consolidação óssea, sem complicações.

Palavras chaves: aves; consolidação óssea; estabilização; ortopedia.

FRATURAS PÉLVICAS EM PEQUENOS ANIMAIS - ESTUDO RETROSPECTIVO

Cassanego, G. R. ¹; Silva, T. M.; Mesquita, L. R.; Rahal, S. C.; Moreira, P. R. R.; Aguiar, L.

1. Pós-graduando da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - Botucatu/SP (guilherme.rech@unesp.br).

As fraturas pélvicas resultam, em sua maioria, de traumatismos de alta intensidade, como atropelamentos. Com o objetivo de analisar a incidência e o manejo dessas lesões, realizou-se um levantamento dos prontuários da Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais da UNESP Botucatu, entre 2015 e 2025. O estudo abrangeu 214 casos de fraturas pélvicas em cães (71%) e gatos (29%), revelando que o atropelamento foi a causa predominante (85,5%). Os resultados revelaram alta incidência de politraumatismos (28%), incluindo fraturas de fêmur, lesões em tecidos moles e estreitamento do canal pélvico. Quanto ao tratamento, 44,9% dos pacientes receberam manejo conservativo, devido a critérios clínicos ou limitações financeiras. Enquanto 32,3% passaram por intervenções cirúrgicas, como osteossíntese. Embora a abordagem conservativa tenha apresentado resultados satisfatórios, a análise conclui que a rapidez no atendimento inicial é um fator determinante para o sucesso terapêutico, viabilizando as cirurgias quando necessárias e, assim, prevenir sequelas permanentes como a estenose do canal pélvico, o qual garante a qualidade de vida do paciente.

Palavras-Chave: ortopedia; traumatologia; pelve; fraturas; estenose.

HEMILAMINECTOMIA CERVICAL C1-C2 PARA EXCISÃO DE SARCOMA DE TECIDOS MOLES EM CÃO – RELATO DE CASO

Anfilo, M.H.¹; Freitas, I.B.; Ivnuik, G. D.

1. MV, Inove Saúde Animal, Curitiba – PR (mh.anfilo@gmail.com)

As neoplasias espinhais são causas importantes de mielopatia compressiva em cães e a descompressão cirúrgica é indicada em casos de dor e déficits neurológicos progressivos. Objetivou-se relatar o caso de um cão, Yorkshire Terrier, 16 anos, 3,9kg, com histórico de dor cervical há três meses, e intensa vocalização à manipulação de cabeça e pescoço. Ao exame neurológico observou-se dor acentuada à palpação cervical associada a déficits proprioceptivos em membro torácico e pélvico esquerdos. A tomografia computadorizada evidenciou uma formação expansiva de densidade de tecidos moles com realce heterogêneo ao contraste, localizada lateralmente à esquerda de C1–C2, estendendo-se ao canal vertebral e promovendo compressão superior a 50% do diâmetro da medula espinhal. Foi realizada hemilaminectomia cervical para descompressão medular e excisão da neoformação, que teve como diagnóstico histopatológico sarcoma de tecidos moles grau I. No pós-operatório foram administrados Dipirona (25mg/kg BID 5 dias), Prednisolona (0,5mg/kg BID 5 dias), Metadona (0,3mg/kg BID 5 dias), Gabapentina (10mg/kg TID 30 dias) e Cefalexina (15mg/kg BID 7 dias). Com 30 dias pós-operatório o paciente apresentou significativa melhora clínica, com ausência de sinais de dor e déficits neurológicos. O acompanhamento clínico foi realizado por 15 meses, sendo observada recidiva tumoral ao final desse período. Este caso demonstrou que a excisão cirúrgica de neoplasias, mesmo em um cão idoso com compressão medular acentuada, promove uma boa recuperação neurológica a curto e médio prazo além de prolongar a sua qualidade de vida.

Palavras-chave: medula espinhal; neoplasia; descompressão medular.

HEMIPELVECTOMIA PARCIAL PARA CORREÇÃO DE ESTENOSE PÉLVICA EM FRATURA ANTIGA MAL CONSOLIDADA DE FELINO DOMÉSTICO – RELATO DE CASO

Moreira, P.R.R.¹; Dalbosco, M.E. B.; Santos B.B.G.; Pansanato F. B.; Torres, T.P.; Rahal, S.C.

1. Mestrando em Ortopedia e Neurologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Jaboticabal (patricky.moreira@unesp.br)

A hemipelvectomia é um procedimento cirúrgico complexo que consiste na ressecção parcial ou total de um dos lados da pelve. O presente trabalho relata o caso de um gato macho, sem raça definida, de 5 anos de idade, apresentou aquesia há 5 dias, associada à anorexia e êmese, devido à má consolidação de fratura em região pélvica de de vértebra sacral, causando estenose pélvica, por histórico de trauma por atropelamento há 3 anos. Durante dois anos, obteve-se êxito pelo tratamento conservativo com lactulose e manejo alimentar pastoso, no entanto, o animal passou a apresentar constipação recorrente. À palpação abdominal, percebeu-se presença de conteúdo fecal endurecido. Em radiografia da região abdominal, evidenciando acúmulo de fezes, sugestivo de megacólon. Optou-se por realização de correção cirúrgica de hemipelvectomia parcial do lado direito em região acetabular, realizada a ostectomia unilateral em margens acetabulares de ílio, ísquio e pube. No pós-operatório, instituiu-se terapia com dipirona 25 mg/kg, a cada 24 horas, durante 7 dias, gabapentina 10 mg/kg, a cada 12 horas, durante 30 dias, meloxicam 0,1 mg/kg, a cada 24 horas, durante 5 dias, lactulose 0,5 mL/kg, a cada 12 horas, durante 30 dias e amoxicilina com clavulanato de potássio 22 mg/kg, a cada 12 horas, durante 14 dias. Aos 30 dias de acompanhamento, o exame radiográfico não evidenciava sinais de estenose, megacólon, o animal apresentava normoquesia e apoio do membro pélvico ipsilateral sem alterações locomotoras. Assim, conclui-se que a hemipelvectomia parcial mostrou-se eficaz no tratamento da estenose do canal pélvico secundária a trauma, corroborando a melhora clínica significativa e a resolução completa da disquesia.

Palavras-chave: estenose pélvica; megacólon; aquesia.

LUXAÇÃO COXOFEMORAL ASSOCIADA A IMPLANTE INADEQUADO EM PACIENTE JOVEM – RELATO DE CASO

Scheffer, E.K.¹; Carneiro, R.K; Luchin, M.P.

1. Discente da Faculdade de Veterinária da Universidade do Estado de Santa Catarina (scheffer.eduarda21@gmail.com).

A luxação coxofemoral caracteriza-se pela perda de congruência entre a cabeça femoral e o acetábulo, podendo ocorrer por trauma, afecções articulares ou causas iatrogênicas, sendo uma alteração ortopédica relevante do quadril em cães. A colocefalectomia é um procedimento cirúrgico de salvamento indicado quando não há possibilidade de restauração anatômica, promovendo alívio da dor por remoção da cabeça e colo femoral e formação de uma pseudoarticulação funcional. Objetivou-se relatar o caso de um cão macho, sem raça definida, 1 ano e 32 kg, atendido com claudicação em membro pélvico esquerdo. Ao exame físico observou-se atrofia muscular, dor à palpação e limitação funcional. O paciente possuía histórico de osteossíntese femoral aos seis meses com pino intramedular associado à placa. Radiografias evidenciaram consolidação óssea completa, porém com posicionamento inadequado do pino intramedular inserido durante fase de crescimento, resultando em alteração biomecânica e consequente luxação coxofemoral. Optou-se pela remoção da placa seguida de colocefalectomia. O pós-operatório inicial demonstrou evolução favorável, com melhora progressiva da locomoção e redução da dor. Conclui-se que a colocefalectomia constitui alternativa eficaz em luxações coxofemorais associadas a alterações irreversíveis, proporcionando recuperação funcional e melhora clínica significativa.

Palavras-chave: luxação coxofemoral; colocefalectomia; pseudoarticulação.

MALFORMAÇÃO VERTEBRAL E DISCOESPONDILITE EM PUG: ESTABILIZAÇÃO VERTEBRAL VENTRAL INTRATORÁCICA

Tavares, P.L.¹; Souza, I.V.B.; Faria, L.C.A.; Alves, D.P.; Marinho, C.C.Z.; Marinho, P.V.T.

1. Discente no IFSULDEMINAS (patricialimatavares9@gmail.com)

As doenças que afetam a coluna vertebral de cães são diversas, a exemplo da discoespondilite e a deformidade toracolombar. A discoespondilite é uma infecção primária do disco intervertebral com envolvimento secundário das placas terminais. A deformidade vertebral ocorre por uma malformação congênita que propicia diferentes graus de desvios em seu eixo anatômico, causando sinais clínicos correspondentes. Um canino da raça Pug, fêmea, com 6 meses, 4 Kg, foi encaminhado ao serviço de Cirurgia Veterinária do IFSULDEMINAS - *Campus* Muzambinho, com paraparesia não ambulatória de início agudo. No exame físico, observou-se dor intensa à palpação da coluna toracolombar. Constatou-se em Tomografia foco de lise óssea e fratura nas extremidades das vértebras T6 e T7, esta última com hipoplasia ventral de corpo vertebral, causando grave cifose vertebral. Optou-se pela técnica de estabilização vertebral ventral intratorácica visando à distração, estabilidade e reduzindo riscos de fraturas patológicas. Após acesso intercostal esquerdo, observou-se aderência pulmonar à pleura parietal dos corpos vertebrais. Foram coletados *swabs* para realização de cultura e antibiograma. As vértebras T5, T6, T8 e T9 foram fixadas com parafusos 2.5 mm bicorticais e cimento ósseo associado à gentamicina e vancomicina. A cultura foi positiva para *Klebsiella pneumoniae*. Em 30 dias de pós-operatório, a paciente apresentou retorno parcial da deambulação, o que demonstra recuperação satisfatória e progressiva.

Palavras-chave: estabilização; disco intervertebral; infecção.

OSTECTOMIA EM CUNHA DO CORPO ILÍACO PARA TRATAMENTO DE ESTENOSE PÉLVICA E MEGACÓLON EM GATA

Freitas, I.B.¹; Anfilo, M.H.; Duarte Neto, P.P.; Kohler, L. B.; Ivnuik, G. D.

1. MV, Inove Saúde Animal, Curitiba – PR (itallobf@gmail.com)

As fraturas de pelve frequentemente causam estenose e megacólon em gatos. Objetivou-se relatar o caso de uma gata, sem raça definida, 13 anos, 3,63kg, com histórico de dificuldade para defecar há dois anos. A mesma havia sido atropelada em 2025 com fratura de pelve e disjunção sacroilíaca bilateral. Foi submetida, na época, ao tratamento cirúrgico para a disjunção sacroilíaca e apresentou neuropraxia no membro pélvico direito. Nos últimos dois anos passou por diversos atendimentos e enemas. Ao exame físico apresentou constipação, aumento de volume abdominal, disquesia e dor. A responsável possuía uma radiografia com evidências de megacólon e fraturas crônicas na pelve. Foi solicitado tomografia computadorizada para elucidação do quadro e planejamento cirúrgico. Evidenciou múltiplas fraturas crônica na pelve, comprometendo principalmente da largura do canal pélvico na altura do acetábulo, fraturas no púbis, disjunção isquiática e doença articular degenerativa em coxofemoral direita. Realizamos a impressão de um biomodelo 3D para treinamento cirúrgico. Optou-se pela abordagem cirúrgica de remoção do parafuso sacroilíaco direito e descompressão do canal pélvico por meio da osteotomia pélvica tripla. A abordagem iniciou com a osteotomia do púbis, em seguida do ísquio e por fim com a ostectomia em cunha (2.4mm) para correção de 17,8° de estenose do corpo ilíaco direito. Para estabilização dos fragmentos foi utilizada uma placa de TPLO titânio 1.5mm com parafusos 1.5-2.0 mm Engevet®. A gata foi para casa no mesmo dia do procedimento, recebeu antibioticoterapia, analgesia e anti-inflamatório. Após dois dias a gata já apresentou normalidade para defecar e ausência de dor. Em 15 dias os pontos foram removidos e com 30 dias radiografia de controle com sinais de consolidação óssea. A técnica cirúrgica foi eficaz para o tratamento da estenose pélvica e megacólon na paciente com excelente recuperação.

Palavras-chave: ortopedia; fraturas; complicações.

OSTEOINTEGRAÇÃO DE IMPLANTES DE LIGA COM MEMÓRIA DE FORMA DE NITI EM OSTEOTOMIAS EM METÁFISE DE FÊMUR EM COELHOS

Sá, M.J.C.¹; Souza, M.A.A.

1. Docente da Universidade Federal de Campina Grande Av.Universitária S/N, Santa Cecília, Patos, PB, 58708-110, Brasil. (mjcdesa@gmail.com)

Apesar das importantes características mecânicas da liga de níquel-titânio (NiTi), existem controvérsias quanto ao seu uso em implantes de longo prazo, devido às suas propriedades osteoindutoras limitadas e ao alto teor de níquel, cuja liberação por corrosão em meio biológico representa potencial risco à saúde. Como alternativa, tratamentos de superfície têm sido propostos para melhorar a resistência à corrosão e a resposta biológica. Este estudo avaliou a regeneração óssea de ligas de NiTi obtidas por fundição de precisão, tratadas ou não por oxidação por plasma eletrolítico, na metáfise femoral de coelhos. O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética no Uso de Animais da Universidade Federal de Campina Grande – Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CEUA/CSTR), protocolo nº 43/2020. Foram utilizados 12 coelhos machos, distribuídos em quatro grupos: titânio puro grau 2 (controle), NiTi fundido com e sem tratamento e NiTi comercial. As avaliações ocorreram aos 30 e 60 dias, por análise clínica e histológica após eutanásia. Clinicamente, não foram observados sinais de inflamação, alterações na cicatrização, reações alérgicas, efeitos tóxicos ou comprometimento da locomoção. Entretanto, a regeneração óssea foi superior no grupo controle, enquanto os grupos com NiTi apresentaram redução aos 60 dias. Em todos os grupos, observou-se infiltrado inflamatório periosteal, variando em intensidade. Nos implantes fundidos, com e sem tratamento, houve presença de células gigantes e macrófagos, sugerindo possível efeito citotóxico. Conclui-se que os implantes de NiTi, independentemente do tratamento de superfície, apresentaram menor regeneração óssea em comparação ao titânio puro e resposta inflamatória indicativa de possível citotoxicidade, o que limita seu uso em implantes permanentes.

Palavras-chave: osteointegração; histomorfometria; fundição de precisão; PEO; modelo animal.

OSTEOARTRITE ULTRASSONOGRÁFICA FEMOROTIBIOPATELAR EM CÃES SUBMETIDOS À OSTEOTOMIA DE NIVELAMENTO DO PLATÔ TIBIAL

Carrera, A.L.C.¹; Doiche, D.P.; Alcântara, B.M.; Tavares, A.B.L.; Dias, L.G.G.G.; Minto, B.W.

1. Departamento de clínica e cirurgia veterinária, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), UNESP. (alefe.carrera@unesp.br).

Embora se compreenda que a insuficiência do ligamento cruzado cranial (ILCC) canina seja causadora de osteoartrite (OA), poucos estudos descrevem a ultrassonografia para avaliar sua progressão após a técnica de osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO), sendo este o objetivo do presente estudo. Prospectivamente e sob aprovação do CEUA FCAV-UNESP (9138/22), incluíram-se nove cães com ILCC submetidos à TPLO e artrotomia do joelho, avaliados por ultrassonografia femorotibiopatelar seriada, nos períodos pré e pós-operatórias (15, 30, 90 e 120 dias) por um único avaliador. Foram elencados parâmetros de integridade do ligamento cruzado cranial e de menisco medial, além de escalas de efusão articular e espessura de cartilagem articular. Os dados foram tratados com medianas (P25–P75) e comparados com o teste de medidas repetidas de Friedman, seguido pelo teste de Tukey, com nível de significância de 95%. Em 100% (n = 9) dos casos, constatou-se ruptura completa do ligamento, corroborando os achados clínico-cirúrgicos, enquanto a concordância na identificação da integridade meniscal foi de 66,7% (n = 6/9) em relação aos achados macroscópicos cirúrgicos. A efusão articular não diferiu estatisticamente entre os momentos de análise, mantendo nível moderado até 90 dias pós-cirúrgicos e nível leve aos 120 dias. Já a cartilagem articular, predominantemente normoespessa no período pré-cirúrgico, apresentou edema aos 15, 30 e 60 dias, retornando a níveis normais de espessura apenas aos 120 dias após o procedimento. Os resultados indicam a necessidade de refinamento técnico e de equipamentos para melhor acurácia na identificação da integridade meniscal, bem como alertam para uma OA detectável e persistente por até 90 dias após a cirurgia, reforçando a necessidade de mitigar os efeitos inflamatórios articulares pós-operatórios.

Palavras-chave: cirurgia veterinária; diagnóstico por imagem; insuficiência do ligamento cruzado cranial; osteoartrose.

OSTEOSSÍNTESE DE METATARSOS USANDO FIXADOR ESQUELÉTICO EXTERNO EM CONFIGURAÇÃO VINCULADA EM FELINO – RELATO DE CASO

Iozzi, L.G.S.¹; Rodrigues, G.F.; Lauer, G.C.M.; Oliveira, N.F.; Iozzi, M.T.

1. Médico(a) Veterinário(a) do Pet Care Hospital Veterinário 24h Unidade Balneário Camboriú – SC (lari.g.silva@hotmail.com).

A ocorrência de fraturas em felinos machos e jovens tem aumentado no meio domiciliar, principalmente devido ao estilo de vida a que esses animais estão sendo submetidos. Define-se fratura como uma solução de continuidade óssea, que geralmente está relacionada a traumas diretos ou indiretos, por vezes desconhecidos. Neste sentido, objetivou-se relatar um caso de fratura de metatarsos de origem desconhecida. Um felino macho, castrado, 2 anos e 6 meses de idade, foi atendido apresentando impotência funcional de membro pélvico direito de evolução aguda. Ao exame ortopédico, paciente apresentava sinais de inflamação e dor à palpação de metatarsos, sendo encaminhado para exame radiográfico. Em avaliação radiográfica foi possível identificar fratura completa e oblíqua na região distal do terceiro e do quarto metatarsos de membro pélvico direito, apresentando desalinhamento entre os fragmentos ósseos e edema de tecidos moles. Após toda avaliação hematológica e cardíaca, o paciente foi então submetido à osteossíntese de metatarsos usando fixador esquelético externo. Para aumentar a resistência do sistema de fixação, utilizou-se pinos intramedulares no III e IV metatarsos que se conectavam a uma configuração de fixador externo, associada a um pino transverso posicionado na metáfise proximal de todos os metatarsos para fazer uma configuração vinculada, como se fosse uma “gaiola”. Os pinos foram unidos com metilmetacrilato. Seguindo as recomendações adequadas de repouso e manejo com o fixador, com 90 dias o paciente apresentou consolidação óssea completa dos metatarsos e foi submetido a retirada do fixador esquelético externo. A partir do exposto, conclui-se que o fixador esquelético externo em configuração vinculada proporcionou completa cicatrização óssea e manteve o apoio adequado do membro, sendo uma opção para tratamento nesses tipos de fratura.

Palavras-chave: fratura; ortopedia; métodos de salvamento de membros.

OSTEOSSARCOMA DE CORPO VERTEBRAL EM CÃO DE PEQUENO PORTE ASSOCIADO À PARAPARESIA DE MEMBROS PÉLVICOS – RELATO DE CASO

Silva, F.R.; Raimundo, Y.R.¹; Zem, I.L.; Cunha, P.H.; Bitencourt, R.C.; Cabral, A.P.M.

1. Graduada da Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCAV) (adilson.pm.cabral@unesp.br).

O osteossarcoma (OSA) é uma neoplasia óssea maligna com produção de matriz osteoide. Nos cães, ocorre com maior frequência no esqueleto apendicular e nos de grande porte, com baixa casuística no esqueleto axial. Objetivou-se relatar o caso de um OSA vertebral em cão de pequeno porte. Foi atendida uma cadela sem raça definida (SRD), com 8 anos de idade e 6 kg, com histórico de algia vertebral crônica e desconforto ao se locomover. Inicialmente, foi realizada terapia com anti-inflamatório não esteroide para a suspeita de osteoartrose, com melhora parcial do quadro. A radiografia da coluna, de tórax e a ultrassonografia abdominal não evidenciaram alterações relevantes. Houve progressão para paraparesia dos membros pélvicos e foi realizada tomografia computadorizada (TC) da coluna vertebral com visualização de lise óssea no corpo vertebral de T6 associada à leve estenose do canal medular, bem como espondilose ventral entre T6 e T7, sugerindo neoplasia óssea, sem indícios de metástases pelos exames de imagem. Foi realizada laminectomia dorsal com estabilização vertebral e biópsia incisional. Os exames histopatológicos e imunoistoquímico indicaram neoplasia fusocelular mesenquimal e positividade para a osteocalcina, respectivamente, com confirmação de OSA. O tratamento incluiu analgesia, estabilização cirúrgica e quimioterapia adjuvante com carboplatina associada ao pamidronato dissódico. Foi observada melhora clínica temporária com recuperação parcial da locomoção e sobrevida de 21 semanas, superior à média descrita para OSA vertebral nos cães (4–8 semanas). Conclui-se que a TC foi essencial para o diagnóstico e planejamento terapêutico, bem como a abordagem multimodal contribuiu para a melhora da qualidade de vida e o aumento da sobrevida da paciente.

Palavras-chave: coluna vertebral; laminectomia; neoplasia mesenquimal.

RECONSTRUÇÃO SEGMENTAR DA TÍBIA E FÍBULA COM CIMENTO ÓSSEO (PMMA), ASSOCIADA À DUPLA OSTEOSSÍNTESE BLOQUEADA ORTOGONAL PARA PRESERVAÇÃO DE MEMBRO EM CÃO COM NEOPLASIA ÓSSEA – RELATO DE CASO

Martins, D.J.C. ¹; Silva, A.C.; Souza, J.S.; Rocha, G.F.D.; Sasso, M.O.; Correia, R.A.

1. Docente do Centro Universitário Inta-Uninta – Campus Fortaleza (david.medvet@yahoo.com.br).

Defeitos ósseos segmentares decorrentes de neoplasias representam desafio na ortopedia veterinária, sobretudo quando se busca preservar o membro e manter a função locomotora. O polimetilmetacrilato (PMMA) constitui uma alternativa como material de preenchimento estrutural, proporcionando estabilidade mecânica imediata quando associado à osteossíntese rígida. Relata-se o caso de uma cadela, com 14 anos e aproximadamente 10 kg, atendida após trauma, apresentando impotência funcional do membro pélvico esquerdo. Ao exame radiográfico, evidenciou-se fratura transversa no terço médio de tibia e fíbula, associada à osteólise permeativa e reação periosteal irregular, sugestivas de fratura patológica por neoplasia óssea. Optou-se por osteotomia segmentar com margens de segurança, seguida de reconstrução da falha com PMMA e estabilização por duas placas bloqueadas do sistema 2,7 mm, posicionadas nas faces medial e cranial da tibia, associadas a pino intramedular normógrado para suporte axial. O exame histopatológico sugeriu neoplasia maligna compatível com mieloma, não sendo possível descartar osteossarcoma pouco diferenciado. No pós-operatório, a paciente apresentou evolução satisfatória, com apoio intermitente aos 30 dias e manutenção do alinhamento anatômico, além de estabilidade radiográfica dos implantes. Após cinco meses, observou-se apoio funcional completo, ausência de dor e adequada estabilidade do conjunto de osteossíntese, com preenchimento satisfatório da falha óssea pelo PMMA. Diante disso, a reconstrução segmentar tibial com PMMA associada à osteossíntese rígida mostrou-se uma técnica segura e biomecanicamente eficiente, representando uma alternativa conservadora viável para preservação de membros em casos selecionados de neoplasias ósseas em cães.

Palavras-chave: falha óssea segmentar; osteossíntese rígida; cimento ósseo ortopédico; ortopedia veterinária.

REINTERVENÇÃO EMERGENCIAL APÓS COMPLICAÇÃO EM OSTEOTOMIA DUPLA DE PELVE EM ROTTWEILER DE 10 MESES – RELATO DE CASO

Barreto, C. V. S¹.; Quintana, T. D.; Batista, W. L.; Rovaris, I. B.

1. Discente da FAVET - UFRGS (camilevit.00@gmail.com)

A displasia coxofemoral (DCF) é considerada a condição ortopédica mais diagnosticada em cães. A osteotomia dupla da pelve (ODP) consiste na osteotomia do ílio e do púbis, objetivando a ventroversão acetabular, a fim de melhorar congruência articular, a função do quadril e prevenir o desenvolvimento de osteoartrose. Objetiva-se relatar um caso de reintervenção por falha de implante após ODP. Foi atendida uma cadela Rottweiler, 31,4 kg, 10 meses, com dor e claudicação em membro pélvico esquerdo. Radiograficamente confirmou-se DCF bilateral, leve à esquerda e moderada com osteoartrose à direita. Realizou-se ODP esquerda com acesso ventral para ostectomia no ramo cranial do púbis, seguida de osteotomia do ílio e estabilização com placa de 20° e parafusos de 3,5 mm. Quatro dias após, foi constatado o arrancamento em bloco dos parafusos caudais. Realizou-se nova redução com parafusos bloqueados de 4,0 mm. Associou-se à placa de reconstrução bloqueada em *twist* da asa ilíaca ao bordo acetabular cranial. A estabilidade foi restabelecida. A ODP é indicada para cães grandes entre 6 e 12 meses. Entre as complicações mais graves, destaca-se o afrouxamento dos parafusos com falha de implantes. A placa em *twist* aumenta a rigidez do sistema e reduz a movimentação. Conclui-se que, a seleção adequada do paciente, escolha de implantes de alta qualidade e a associação de técnicas cirúrgicas são fatores fundamentais para obtenção de um bom resultado.

Palavras-chave: falha de implante; displasia coxofemoral; placa em *twist*.

SUTURA ÍLIO-TROCANTÉRICA NA LUXAÇÃO COXOFEMORAL CRÂNIODORSAL COM MAIS DE 14 DIAS EM CÃO - RELATO DE CASO

Pimentel, F.M. ¹; Viecelli, R.; Silva, J.B.; Batista, W.L.; Alves, L.P.; Alievi, M.M.

1. Discente da FAVET - UFRGS (filipepimentel1406@icloud.com)

A luxação coxofemoral é uma frequente afecção nos quadris dos cães, causada principalmente por eventos traumáticos, sendo a luxação craniodorsal a mais comum entre elas. O tratamento pode variar de redução fechada a aberta como a sutura ílio-trocantérica e ressecção da cabeça e colo femoral, de acordo com a evolução. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de luxação coxofemoral craniodorsal tratado através da sutura ílio-trocantérica em um cão com mais de 14 dias de evento traumático. Um Pug, macho de 4 anos de idade, foi atendido com histórico de atropelamento e apresentando claudicação e rotação externa de membro pélvico esquerdo. O exame físico revelou dor a palpação do quadril e mobilidade reduzida durante a flexão, extensão e rotação da articulação, no exame radiográfico se constatou luxação craniodorsal da cabeça do fêmur e discretos sinais de displasia coxofemoral. Na cirurgia, a cabeça do fêmur estava íntegra e a redução da luxação foi possível, embora com movimentos exacerbados voltasse a luxar. A sutura foi feita com 3 fios de nylon 3-0 transpassados com uma agulha 40x12 mm em um furo de 1.8 mm no corpo do ílio e no trocanter maior do fêmur de forma que ao nó, formasse um figura em “oito” e o membro ficasse com rotação pronada. Na avaliação de retorno de 14 dias pós-operatório, o paciente já apresentava total apoio do membro. A radiografia de 30 dias pós-operatório evidenciou uma discreta subluxação da articulação coxofemoral, mas sem repercussão clínica. A avaliação transcirúrgica da articulação coxofemoral é importante na tomada de decisão quanto a redução de luxação e ressecção da cabeça e colo femoral, mesmo com períodos longos, acima de 14 dias, influenciando na evolução pós-operatória e qualidade de vida do paciente. Conclui-se que a sutura ílio-trocantérica em traumas com períodos maiores que 14 dias é viável em casos selecionados.

Palavras-chave: displasia; articulação; ressecção.

TERAPIA COM CÉLULAS-TRONCO MESENQUIMAIS ALOGÊNICAS EM RECIDIVA DE FRATURA DE RÁDIO E ULNA

Junior, J.M.M.N.¹; Polido, B.A.C.; Brunel, H. S. S.; Malard, P. F.

1. Médico Veterinário Clínica Veterinária novus campus (julio_novaes@hotmail.com)

A não-união óssea é uma complicação clínica associada a traumas, infecções e outras condições que comprometem a integridade do osso. O autoenxerto permanece como padrão-ouro para reparo de defeitos ósseos, mas sua utilização é limitada pela morbidade no local doador, quantidade disponível e complicações associadas à colheita. As células-tronco mesenquimais derivadas de tecido adiposo apresentam potencial osteogênico e efeitos parácrinos que favorecem revascularização e modulação inflamatória. Neste trabalho, apresentamos um caso clínico de cão com recidiva de fratura distal de rádio e ulna após múltiplas cirurgias convencionais, evidenciando os desafios da não-união óssea e o potencial das células-tronco mesenquimais como adjuvantes na consolidação e no controle inflamatório. Um cão de 8 meses foi atendido na Clínica veterinária Dr. Edson Campos, em Araçatuba/SP, com fratura distal oblíqua simples de rádio e ulna. Realizou-se osteossíntese com placa de titânio 1.5 e aplicação local de 4 milhões de células-tronco mesenquimais (CTMs) alógenas. Cinco dias após, por falha do implante, foi feita substituição por placa de titânio 2.0. Após uma nova fratura com quebra da placa, procedeu-se terceira cirurgia com placa 2.0 Protomed e fixador externo biplanar; que foi removido devido a infecção e soltura de parafusos. Depois de 20 dias, todos os implantes foram retirados e substituídos por fixador externo uniplanar, associado a antibioticoterapia (Meropenem). Dois dias depois, novo desalinhamento indicou instalação de fixador circular Ilizarov. No mesmo ato, administraram-se 4 milhões de CTMs alógenas IV e implantaram-se pérolas de cálcio com antibiótico no foco da fratura. O paciente permaneceu internado por 3 meses. Devido a persistência de linha de fratura e fibrose local, realizou-se perfuração do foco e aplicação de medula óssea autóloga umeral seguido pela aplicação de 4 milhões de CTMs alógenas IV. Após 15 dias, observou-se significativa formação de calo ósseo e evolução clínica favorável.

Palavras-chave: fratura óssea; não-união óssea; osteogênese; terapia celular.

USO DE FIXADOR EXTERNO CIRCULAR NO TRATAMENTO DE FRATURA ESPIRAL DISFISÁRIA DE TÍBIA EM UM GATO JOVEM

Gorios, A. F.; Santos, D. B. R.; Rahal, S. C.; Cassanego, G. R*¹; Pigatto, A. M.; Mamprim, M. J.

1. Serviço de Ortopedia Veterinária e Medicina Avançada (SOMAVET), São Paulo, SP, Brasil.

As fraturas de tibia em gatos são particularmente suscetíveis a complicações, como consolidação retardada, não união e osteomielite. Para minimizar esses riscos, especialmente nas fraturas diafisárias, recomenda-se a adoção dos princípios da osteossíntese biológica. Nesse contexto, o fixador externo circular do tipo Ilizarov destaca-se como uma opção capaz de proporcionar estabilidade adequada ao foco de fratura, com mínima agressão adicional aos tecidos adjacentes e preservação da vascularização local. Relata-se o caso de um felino, macho, sem raça definida, com um ano de idade, vítima de atropelamento. Ao exame clínico, apresentava escoriações cutâneas e ausência de apoio do membro pélvico direito, além de dor e crepitação à palpação da região tibial. Ao exame radiográfico, evidenciou-se fratura completa, fechada, em espiral, localizada na diáfise médio-distal da tibia direita, sem desalinhamento significativo; a fíbula encontrava-se íntegra. Optou-se pela estabilização da fratura com fixador externo circular tipo Ilizarov (sistema M5, anel de 60 mm), empregando dois anéis proximais do tipo 5/8, um anel distal completo, dois fios de Kirschner por anel e três barras conectoras. A técnica foi realizada de forma minimamente invasiva, sem abertura do foco de fratura. O alinhamento ósseo foi confirmado por meio de exame radiográfico no pós-operatório imediato. O acompanhamento radiográfico, realizado a cada 15 dias, demonstrou formação progressiva de calo ósseo. Aproximadamente 10 semanas após o procedimento, observou-se consolidação óssea madura, momento em que o fixador foi removido. O animal apresentou recuperação funcional completa do membro, sem claudicação residual, evidenciando a eficácia do método empregado.

Palavras-chave: fratura tibial; felino; fixador; Ilizarov; ortopedia veterinária.

USO DE PROTOTIPAGEM RÁPIDA PARA PLANEJAMENTO DE OSTEOTOMIA DE PÚBIS NO TRATAMENTO DO ESTRANGULAMENTO PÉLVICO CRÔNICO POR MÁ-UNIÃO ÓSSEA APÓS POLITRAUMATISMO EM GATO-MOURISCO (*Herpailurus yagouaroundi*) – RELATO DE CASO

Mantovani, P.F.¹; Natal, A.C.; Rodrigues, P.A.; Souza, C.S.; Alievi, M.M.

1. MV, MSc, Doutorando PPGCV-UFRGS (pliniomantovani@gmail.com)

A prototipagem rápida por manufatura aditiva permite a produção de biomodelos ósseos personalizados idênticos aos do paciente, possibilitando a verificação prévia de planejamentos cirúrgicos e o treinamento de técnicas, com consequente aumento da acurácia terapêutica, especialmente em pacientes com anatomia pouco usual como em espécies silvestres. Este trabalho relata seu uso no planejamento de osteotomia de púbis para tratamento de estrangulamento pélvico crônico decorrente de má-união óssea após politraumatismo em um gato-mourisco. Uma fêmea, resgatada três meses antes com traumatismo pélvico tratada conservativamente desenvolveu estrangulamento pélvico e fecaloma, sendo encaminhada ao serviço de ortopedia para resolução. A tomografia computadorizada associada à reconstrução volumétrica evidenciou remodelações ósseas em ílio, púbis, ísquio e vértebras coccígeas, responsáveis pela obstrução do trânsito intestinal. A partir dessas imagens, foi confeccionado biomodelo por impressão 3D em filamentos de ácido polilático, incluindo pelve, sacro, vértebras coccígeas e o fecaloma. A simulação da osteotomia na sínfise púbica indicou necessidade de afastamento de 1,5 cm para ampliar adequadamente o canal pélvico. O procedimento cirúrgico foi realizado sem intercorrências, com estabilização por aparato metálico, placas ortopédicas e parafusos bloqueados, seguida de enterotomia para remoção do fecaloma. O acompanhamento por 30 dias em internação e um ano em cativeiro ocorreu sem intercorrências ou recidivas. Conclui-se que a prototipagem rápida foi essencial para o planejamento cirúrgico, contribuindo para restabelecer o trânsito intestinal mesmo diante de deformidades pélvicas significativas.

Palavras-chave: ortopedia; impressão 3d; animais silvestres.

USO DE SECRETOMA DE CÉLULAS-TRONCO NA ANALGESIA PÓS-OPERATÓRIA DE CÃES SUBMETIDOS À TPLO

Carrera, A.L.C.; Nogueira, C.¹; Dias, L.G.G.G.; Minto, B.W.; Abimussi, C.J.X.; Malard, P.F.

1. Departamento de clínica e cirurgia veterinária, Faculdade de ciências agrárias e veterinárias (FCAV), UNESP. (c.nogueira96@unesp.br)

A doença do ligamento cruzado cranial (DLCC) em cães apresenta elevada prevalência, sendo frequentemente tratada por meio da osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO). Considerando o caráter altamente álgico do procedimento, o uso do secretoma de células-tronco mesenquimais derivadas de tecido adiposo (CTMTA) pode ser empregado com o objetivo de promover adequado controle da dor no período pós-operatório e otimizar a recuperação funcional. O objetivo foi avaliar o controle da dor e a recuperação pós-operatória de cães submetidos à TPLO tratados com CTMTA por via intra-articular. Conduzido sob aprovação do Comitê de Ética no Uso de Animais da FCAV-UNESP (CEUA nº 9138/22). Foram incluídos 19 cães provenientes da rotina cirúrgica, distribuídos em dois grupos: grupo controle (GC; n = 9), que recebeu placebo, e grupo tratado (GT; n = 10), submetido à aplicação intra-articular de 250 µg de CTMTA. Ambos os grupos foram avaliados por meio de acelerometria, análise de claudicação e palpação articular nos períodos pré-operatório e pós-operatórios (24 e 48 horas, 15, 30, 60, 90 e 120 dias). Os dados foram expressos em mediana (P25–P75) e analisados pelo teste de Friedman para medidas repetidas, ANOVA, seguido do teste de Tukey, adotando-se nível de significância de 5%. Na avaliação da claudicação, o GC apresentou redução estatisticamente significativa apenas após 60 dias de pós-operatório, enquanto o GT demonstrou melhora significativa já aos 15 dias. Na palpação articular, o GT apresentou redução da dor semelhante ao GC nos primeiros 15 dias, com resultados estatisticamente superiores a partir de 60 dias de pós-operatório. Na análise por acelerometria, o GT apresentou maior tempo de atividade vigorosa em comparação ao GC aos 24 e 48 horas, bem como aos 30, 60 e 90 dias de pós-operatório, embora sem diferença estatística significativa. Conclui-se que o uso intra-articular do secretoma de células-tronco mesenquimais configura-se como uma alternativa adjuvante promissora para a redução dos parâmetros clínicos associados à osteoartrite e para a aceleração da recuperação clínica em curto e médio prazos após a realização da TPLO em cães acometidos por DLCC.

Palavras-chave: analgesia; células-tronco; cirurgia veterinária; dor.

UTILIZAÇÃO DE FIXADOR EXTERNO TRANSARTICULAR ELÁSTICO NO TRATAMENTO DA LUXAÇÃO TRAUMÁTICA DE COTOVELO EM CÃES – ESTUDO RETROSPECTIVO

Gaiga, L.H.¹; Silva, J.B.

1. Médico veterinário autônomo (gaigaleandro9@gmail.com).

A luxação traumática de cotovelo em cães está associada à instabilidade ligamentar e pode apresentar rigidez articular se submetida à imobilização prolongada. O fixador externo transarticular elástico (ETEF) tem sido descrito como alternativa à fixação rígida, permitindo movimento controlado e apoio do membro. Objetivou-se relatar casos de luxação de cotovelo tratados com ETEF. Foram avaliados quatro cães sem raça definida, com idades entre 5 e 15 anos e peso entre 4 e 30 kg, atendidos entre 2024 e 2026. Em pelo menos dois casos, a luxação apresentava evolução superior a duas semanas. Em um caso, o trauma havia ocorrido há três dias. Todos foram submetidos à redução aberta da luxação e estabilização por meio da colocação de um pino proximal (na crista supracondilar lateral do úmero) e um distal (no olécrano) à articulação, conectados por bandas elásticas. Foram utilizados tampões de tubos de coleta sanguínea para impedir a migração da banda. Um paciente apresentou, no transoperatório, grave contratura muscular, fibrose periarticular, osteoartrose e avulsão do ligamento colateral lateral, sendo realizada sutura ligamentar com fio de nylon através de túnel ósseo no úmero antes da aplicação do fixador. No pós-operatório, um cão apresentou edema, secreção serossanguinolenta e lambadura, tratado com anti-inflamatório não esteroide e manejo local. Não houve casos de relaxação. O tempo de manutenção do fixador variou de 22 a 30 dias, conforme evolução clínica, sendo removido após estabilidade articular. Três dos quatro pacientes apresentaram retorno satisfatório ao apoio do membro, com normalização completa poucos dias após a remoção do dispositivo. Apenas um cão não apoiou completamente o membro após retirada do fixador, associado à contratura descrita anteriormente. Assim, o ETEF mostrou-se alternativa viável e eficaz para estabilização temporária da articulação do cotovelo em cães, permitindo retorno funcional favorável do membro nos casos avaliados.

Palavras-chave: articulação; estabilização; ortopedia veterinária.

Comissão Científica

Alefe Luiz Caliani Carrera

Beatriz Maia Galetti

Gabriela Fiuza Corato

Herlem Camila Pinto da Silva

Hugo Augusto Mendonça Canelas

Isabella Junqueira Rodrigues

João Antônio Uihôa Oliveira

Letícia Fornel Mangolin

Luciana Campos da Silva

Patricky Rodrigues Reina Moreira

Thaís Furtado de Almeida Santos

Victória Morais Silva

Bruno Watanabe Minto

Luis Gustavo Gosuen Gonçalves Dias